

## A deriva social da geografia colonial portuguesa

*The social turn of Portuguese colonial geography*

*Le tournant social de la géographie coloniale portugaise*

*El giro social de la geografía colonial portuguesa*

**Frederico Ágoas**

---



**Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/terra-brasilis/10824>

DOI: 10.4000/terra-brasilis.10824

ISSN: 2316-7793

**Editora**

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

**Refêrencia eletrónica**

Frederico Ágoas, «A deriva social da geografia colonial portuguesa», *Terra Brasilis* [Online], 17 | 2022, posto online no dia 30 junho 2022, consultado o 05 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/terra-brasilis/10824>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terra-brasilis.10824>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 janeiro 2023.

All rights reserved

---

# A deriva social da geografia colonial portuguesa

*The social turn of Portuguese colonial geography*

*Le tournant social de la géographie coloniale portugaise*

*El giro social de la geografía colonial portuguesa*

**Frederico Ágoas**

---

## NOTA DO EDITOR

Submetido 1 Jul. 2022; aceite 5 Out. 2022

## NOTA DO AUTOR

A investigação que serve de base a este artigo foi realizada ao abrigo de um contrato de investigação financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P.

(CEECIND/01684/2017). Agradeço vivamente aos revisores do artigo e aos editores do presente volume pela leitura cuidadosa que fizeram do texto.

- 1 Da perspetiva da história das ciências sociais, a história da geografia em Portugal surge consecutivamente cindida em função do seu contexto de aplicação e do seu marco disciplinar. Na prática, é possível identificar duas narrativas paralelas, uma metropolitana (ou continental), outra colonial (ou tropical), acessoriamente divididas pelo reconhecimento institucional da disciplina, em torno da década de 1940, associado à afirmação epistémica da geografia humana (com consequências para a geografia física, também).
- 2 Na primeira delas, que começa por misturar-se com as histórias da Coroa e do Estado, das visitas de eruditos estrangeiros ao país e do desenvolvimento de outros saberes, como a cartografia ou a estatística, deparamo-nos antes de mais com descrições físicas, sínteses toponímicas ou relatos de viagem que cobrem regiões particulares ou Portugal

continental por inteiro (cf. Ribeiro e Daveau, 1986; Daveau, 1992).<sup>1</sup> Tais documentos foram produzidos ao longo de vários séculos e representam hoje, consoante os casos, os primórdios mais distantes ou os precedentes mais imediatos da geografia universitária. Na segunda narrativa, encontramos à cabeça diários e roteiros náuticos, a cartografia da expansão e os relatos de exploradores em terras exóticas (cf. Gaspar, 2021; Tirapicos, 2021), e, mais tarde, em plena contemporaneidade, já, os produtos da atividade de organismos como a Sociedade de Geografia de Lisboa (1875), a Comissão de Cartografia (1883) ou a Junta das Missões Geográficas e das Investigações Coloniais (1936) (cf. IICT, 1983).

- 3 Ambas as narrativas cruzam-se, então, por um momento, em redor da ação do geógrafo Orlando Ribeiro e dos seus discípulos, para prosseguirem lado-a-lado (mas de forma mais ou menos autónoma) com os mesmos protagonistas. A primeira prolonga-se até aos dias de hoje (animada por estas e por outras figuras, naturalmente) e contempla ainda nomes como Silva Telles, pioneiro da geografia científica no início do século XX, e Amorim Girão, introdutor da geografia humana – a par de Ribeiro – no ensino superior, com o Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (1943) – dirigido por este – como cenário primordial deste enredo, e o centro homólogo da Universidade de Coimbra (1949) – dirigido por aquele – em plano de fundo (cf. Medeiros, 1992). Como se presume, a segunda narrativa é interrompida em Abril de 1974, sem prejuízo dos trabalhos sobre as antigas colónias portuguesas que se foram publicando já depois dessa data, na sequência de programas de pesquisa em geografia (ou áreas conexas) entretanto promovidos pela Junta de Investigações Coloniais (1945), depois designada Junta de Investigações do Ultramar (cf. Amaral, 1992).
- 4 Esta tendência disjuntiva é comum a outros domínios científico-sociais, com matizes. A história da antropologia portuguesa incorpora convenientemente o passado pré-institucional da disciplina, no que toca à sua vertente metropolitana (cf. Leal, 2000) e à sua vertente colonial (cf. Pereira, 2021), mas as narrativas correspondentes, intimamente relacionadas (como no caso da geografia) por uma figura central comum a ambas (o antropólogo Jorge Dias, no caso), pouco ou nada dialogam entre si e só excepcionalmente integram referências recíprocas.<sup>2</sup> Em qualquer dos casos, são raras, igualmente, as menções à antropologia física, amplamente presente nos dois domínios e com um peso relevante na história da antropologia, como um todo, embora tratada por uma historiografia própria (cf. Roque, 2003).<sup>3</sup> Quanto à história da sociologia, esteve durante muito tempo focada na afirmação institucional da disciplina, em torno da ação do sociólogo Adérito Sedas Nunes, em Lisboa, a partir da década de 1960, desprezando os primórdios da investigação social empírica na metrópole e noutras paragens do império (parca, é certo, neste último caso, sobretudo se comparada com a geografia) (Ágoas, 2013). Muito embora já existam estudos, relativamente recentes, sobre a vertente colonial (Ágoas, 2012) e o passado pré-disciplinar desse saber, em ambos os domínios (Ágoas, 2020; 2021), estes relatos continuam, também eles, largamente apartados, embora haja razões para cruzá-los.<sup>4</sup>
- 5 No caso da geografia, todavia, as histórias destes diferentes veios parecem desde há muito poder conviver entre si, designadamente em publicações especializadas – não sem prejuízo relativo para as vertentes pré-disciplinares das narrativas matriciais (a avaliar pela amostra, pelo menos). É o que sucede num número do periódico *Inforgeo* publicado pela Associação Portuguesa de Geógrafos, em 1992, com o título “Portugal e a Geografia Portuguesa”. Aí, a um estudo histórico sobre “As geografias de Portugal”

(Daveau, 1992), ele próprio cindido pelo marco disciplinar (não sem motivos para tal, evidentemente, mas sem relação entre as partes, “antecedentes” e “geografias modernas”), sobrevem um relato circunstanciado acerca dos “Trinta anos de Geografia nos territórios do ex-Ultramar português (1944-1974)”, sem qualquer menção à geografia na metrópole (Brito, 1992); e sobrevem ainda uma breve sinopse do desenvolvimento do “Ensino e investigação da Geografia em Lisboa”, que menciona apenas umas quantas teses de âmbito tropical, aqui arrumadas em função da sua subespecialidade (Cavaco, 1992).<sup>5</sup>

- 6 É o que sucede também nas atas do II Colóquio sobre História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX, igualmente de 1992, onde a secção consignada à geografia inclui um par de capítulos dedicados à geografia física (Rebelo, 1992) e à geografia humana (Medeiros, 1992), metropolitanas, no caso, e um outro capítulo dedicado à geografia das regiões tropicais (Amaral, 1992) – todos eles devidamente munidos dos respetivos enquadramentos históricos, mas construídos em função do marco institucional, para além de circunscritos à cronologia do evento. A presença adicional, no volume em questão, de uma listagem comentada dos trabalhos de “Investigação Geográfica em Moçambique entre 1900 e 1975” (Araújo, 1992) serve aqui para lembrar, um pouco ao arrepio dos restantes, mais uma vez, que, à margem da influência de Orlando Ribeiro ou até antes da década de 1940, e mesmo num território relativamente desfavorecido, a este respeito, foram surgindo registos dos respetivos caracteres geográficos por entidades oficiais ou por cientistas de outras especialidades – embora não trabalhos de geografia, propriamente ditos.<sup>6</sup>
- 7 Semelhante dissonância atesta por certo a boa consciência dos geógrafos em relação ao passado pré-disciplinar da geografia e à sua vertente colonial, mas, para um iniciado nestas matérias, pelo menos, a sobreposição sucessiva destes diferentes relatos acaba por reforçar, de forma paradoxal, reconheça-se, a separação entre as narrativas mencionadas, bem como por robustecer o isolamento do processo de afirmação da disciplina, enquanto tal, face ao seu contexto de emergência. Em particular no que toca à geografia colonial, com incidência preliminar na Guiné, em meados da década de 1940, e que, sem qualquer prejuízo para o momento em que se cruza com a geografia metropolitana (pelo contrário), parece decorrer naturalmente da transposição da geografia humana em Lisboa para uma paisagem tropical, desenvolvendo-se, entretanto, por *motu proprio*. Não se trata de depreciar a influência de Orlando Ribeiro, a este respeito (que é completamente incontornável, insista-se), e muito menos de apartar (mais ainda) as histórias dessas duas vertentes da disciplina, mas, inversamente, de ter em atenção o enquadramento epistémico e institucional mais alargado da ocorrência da geografia portuguesa nos trópicos, em particular da Missão de Geografia da Guiné (1947), dirigida por Ribeiro e considerada o momento inaugural desta linhagem.
- 8 Trabalhos mais recentes têm efetivamente apontado as circunstâncias mais imediatas em que se opera esta deriva colonial da geografia humana, bem como o contexto alargado em que sucede (Havik e Daveau, 2011; Daveau, 2014; Sarmiento, 2018; Sarmiento, 2022). Relativamente a este, pode-se mencionar o novo cenário geopolítico, na sequência da II Guerra Mundial, a afirmação internacional do anticolonialismo e a imposição de políticas desenvolvimentistas nas colónias britânicas e francesas, face a este novo cenário. No mesmo sentido, e na sequência disto, vale a pena referir também a reorientação da política colonial portuguesa, no âmbito do Estado Novo, mais ciente

do potencial económico dos territórios coloniais e mais firmemente apoiada na produção de conhecimento científico, tal como se pode depreender da reorganização da Junta das Investigações Coloniais, em 1945, e da aprovação do plano de *Ocupação Científica do Ultramar Português*, no mesmo ano. Na verdade, a dita Missão de Geografia da Guiné faz então parte de uma bateria de missões análogas consignadas à geo-hidrografia, à antropologia e etnologia, à zoologia e à geologia daquele território.<sup>7</sup>

- 9 Relativamente às circunstâncias que envolvem aquela missão, a bibliografia pertinente tem apontado a II Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais (CIAO), a realizar em Bissau em 1947, como pretexto mais imediato para o seu lançamento, de maneira a fazer face ao desconhecimento quase total dos caracteres físicos e humanos da Guiné e de modo a servir de base a uma representação portuguesa minimamente condigna na dita conferência, que reúne especialistas de várias áreas científicas oriundos de países com interesses imperiais na região (Grã-Bretanha, França, Espanha e Portugal). Os mesmos trabalhos têm também apontado o desenvolvimento relativo dos estudos etnográficos na Guiné, à época, e a criação do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa (CEGP), em 1945, como contexto local e suporte institucional daquela missão, designadamente no acesso ao terreno e na recolha de informação.
- 10 Dito isto, é a própria ação do CEGP e a efetiva participação portuguesa na CIAO que devem ser contempladas, a este respeito. Uma e outra, aliás, estão intimamente interligadas. É a existência do CEGP que permite a realização da II CIAO em Bissau, em 1947, por via dos contactos previamente estabelecidos pelo presidente da Comissão Executiva da Junta das Investigações Coloniais (António Mendes Correia) com o *Institut Français de Afrique Noire* (IFAN), por ocasião da I CIAO em Dakar, em 1945, promovida por este organismo – contactos entretanto consolidados pelos membros do CEGP, que coorganizariam o evento (Ágoas, 2020: 289). E é em larga medida a CIAO que permite a afirmação progressiva do CEGP (se não mesmo a sua criação, poucos meses depois da reunião de Dakar), desde logo pelo estímulo que a organização do evento representa, mas também pelo apoio institucional que os conferencistas estrangeiros lhe virão a dispensar, no quadro daquilo que aparenta ser um conflito mais ou menos silencioso entre o CEGP e as instituições de investigação da metrópole (Ágoas, 2020: 290). Quanto à importância de ambos para o desenvolvimento dos estudos geográficos na Guiné, há bastante investigação a fazer, ainda, mas é possível afirmar desde já que o CEGP é mais do que um simples apoio no acesso ao terreno e à recolha de informação, e que as sucessivas CIAO são mais do que um mero pretexto para a sobredita Missão de Geografia.
- 11 A este último respeito importa dizer que dos quatro textos publicados por Orlando Ribeiro a partir dos materiais recolhidos na Guiné, dois deles são apresentados em diferentes sessões da CIAO. Na verdade, os mais substantivos são justamente esses, *Sur quelques traits géographiques de la Guiné Portugaise* (Ribeiro, 1952), apresentado na II CIAO de Bissau, em 1947, e *Agriculture in West Africa* (Ribeiro, 1951), apresentado na IV CIAO de Fernando Pó, em 1951. Os outros dois textos são *Missão de Geografia à Guiné em 1947* (Ribeiro, 1950a) – um relatório para a Junta das Investigações Coloniais – e *Acerca do mapa topográfico da Guiné* (Ribeiro, 1950b) – um breve conjunto de achegas para um mapa a ser executado pela Missão Geo-hidrográfica da Guiné.<sup>8</sup>
- 12 A um outro nível, a CIAO parece ter sido plataforma acessória para a projeção internacional de Orlando Ribeiro, que em 1947 será indicado pelas autoridades portuguesas como segundo delegado português no Comité Permanente da conferência,

em suplemento de Mendes Correia – e sem fazer caso das indicações dos delegados à II CIAO, diga-se, que sugeriam que esse segundo elemento estivesse diretamente ligado aos territórios locais (Ágoas, 2020: 290). Depois de faltar à III CIAO de Ibadan, Nigéria, em 1949, fará furor na reunião seguinte, em Fernando Pó (à época, sob domínio espanhol), onde, segundo um comentador bem posicionado, na ocasião, terá sido o responsável pela autonomização disciplinar da geografia, a par da geologia, entre as áreas contempladas pelo evento, até então organizado em Meio Físico, Meio Biológico e Meio Humano (Pélissier, 1952: 182). No mesmo momento, a CIAO passaria a discriminar igualmente a botânica e a zoologia, por um lado, e a etnologia e a sociologia, por outro, perfazendo três secções no total. De acordo com mesmo comentador, o ensejo terá então representado uma oportunidade para “afirmar a personalidade da geografia, precisar os seus métodos e os seus objetivos de pesquisa próprios”, em meio colonial, pelo menos, desígnios considerados imprescindíveis para fazer face à tripla ameaça de ser “apartada dos seus vínculos indispensáveis com o estudo do meio natural, de ser fragmentada entre disciplinas que consideram apenas aspetos específicos do estudo do homem, e, enfim, de ser admitida acessoriamente como uma técnica da cartografia” (Pélissier, 1952: 183).

- 13 Paralelamente, e quanto à relevância do CEGP para o desenvolvimento Missão de Geografia da Guiné, as pesquisas conduzidas no âmbito do primeiro parecem ter sido um ponto de apoio importante, se não mesmo o suporte primordial de algumas das suas conclusões. Referimo-nos aos resultados do *Inquérito Etnográfico* (Mota, 1947) lançado no território em 1946 pelo governador em funções, Manuel Sarmento Rodrigues, preocupado com a escassez de braços e com a soberania da colónia, e conduzido pelo seu ajudante de campo, Avelino Teixeira da Mota.<sup>9</sup> Referimo-nos também às monografias etnográficas publicadas pelo CEGP e a estudos análogos dados à estampa no periódico do centro (o *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*) e subscritos por funcionários coloniais, em particular por António Carreira, nascido em Cabo Verde.<sup>10</sup> E referimo-nos sobretudo ao inquérito à *Habitação Indígena da Guiné Portuguesa*, coordenado por Teixeira da Mota e lançado no ano seguinte (Mota e Neves, 1948).<sup>11</sup> Se o estudo *Sur quelques traits géographiques de la Guiné Portugaise*, de Ribeiro, mantém um diálogo apenas implícito com as ilações alcançadas por Teixeira da Mota naquele segundo inquérito a respeito da distribuição geográfica das diferentes etnias da Guiné, obtida a partir da classificação das casas e dos povoamentos “indígenas” (Mota, 1948), o geógrafo Francisco Tenreiro (discípulo de Ribeiro) torna o facto perfeitamente explícito, em *Acerca da casa e do povoamento da Guiné* (Tenreiro, 1950), onde revê e critica (com alguma dureza) o estudo do primeiro, de 1947, em cotejo direto com o trabalho do segundo, de 1949. Em contrapartida, o próprio texto de Tenreiro passará a constar dos anais da geografia portuguesa como um dos primeiros estudos de “geografia tropical” (juntamente com os quatro textos mencionados de Ribeiro) e como rampa de lançamento de uma carreira nesse âmbito, que começará por levá-lo a São Tomé e Príncipe, de onde era original, mas que será interrompida por falecimento precoce.
- 14 De forma mais alargada, estas pistas permitem pensar em integrar a deriva colonial da geografia humana portuguesa num movimento mais abrangente de deriva social da ciência colonial, nacional e internacional, motivado pela insubordinação dos povos colonizados e de que o CEGP é manifestamente o arauto, no caso português. Com efeito, e tal como julgamos ter mostrado noutra ocasião (Ágoas, 2020), a ação do CEGP precede e afeta o desenvolvimento posterior das ciências sociais (e da antropologia e da sociologia, em particular) no âmbito da Escola Superior Colonial, em Lisboa, entretanto

promovida a Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (1954) e, mais tarde, a Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (1962), de maneira a modernizar o exercício governativo do poder imperial.<sup>12</sup> Mas também na Junta de Investigações do Ultramar, com a criação do Centro de Estudos Sociais e Políticos (1956), que lançará várias missões nesses domínios, como é sabido, nomeadamente para fazer face ao nacionalismo africano; e ainda nos territórios coloniais, junto dos Institutos de Investigação Científica de Angola e Moçambique (1955), entretanto criados à imagem do CEGP e com competências nas mesmas áreas.

- 15 Como também mostrámos noutros textos (Ágoas e Castelo, 2019; Castelo e Ágoas 2021), este movimento, inaugurado na Guiné, seria entretanto enquadrado e estimulado pela participação portuguesa na Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Saara (CCTA), informalmente criada em 1950 pelos governos da Grã-Bretanha, França, Bélgica, Portugal, União Sul-Africana e Rodésia do Sul para combater de forma explícita (mas dissimulada) o anticolonialismo emergente, e em cujas iniciativas científicas passaria a estar envolvido o próprio Orlando Ribeiro, em 1957 (Castelo, 2022: 16). Tanto quanto sabemos, as consequências destas dinâmicas para o desenvolvimento da geografia colonial em Portugal estão ainda por explorar por inteiro, mas a criação da Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar Português, em 1960, dirigida por Ribeiro, terá revertido de forma mais ou menos direta da Conferência Inter-africana de Ciências Sociais organizada pela CCTA em Bukavu, em 1955, e de compromissos aí assumidos por Portugal a respeito da execução de mapas da densidade e da distribuição populacionais de Angola e Moçambique (Castelo, 2022: 16). Da perspectiva da ditadura portuguesa, pelo menos, trata-se de impedir a intromissão da UNESCO nos seus domínios coloniais e de não perder a face diante das outras potências imperiais.
- 16 A título mais específico, está também por explorar cabalmente a participação de Orlando Ribeiro no Comité Permanente da CIAO e na CCTA, em que a primeira seria integrada, entretanto; o conflito que oporia os membros do CEGP aos representantes portugueses da metrópole na CIAO, no quadro da disputa simbólica entre académicos e funcionários coloniais pela prerrogativa de executar trabalho de campo nas colónias; a relevância de investigadores africanos e de outro pessoal recrutado localmente na produção de conhecimento científico sobre as antigas colónias portuguesas; ou ainda a importância da reunião de Bukavu para a afirmação de outras disposições da geografia colonial portuguesa, como o desenvolvimento dos estudos urbanos, neste âmbito, a partir de meados da década de 1950, particularmente em Angola – disposição que parece igualmente decorrer das recomendações emanadas daquele encontro (cf. CCTA, 1955).<sup>13</sup> Na sequência disto, importará certamente atender, também, à própria relação entre a geografia metropolitana e a geografia colonial, em Portugal, tomando esta como espaço acessório para a afirmação científica e simbólica de alguns dos seus protagonistas e para a autonomização institucional da disciplina, como um todo. Analisar, retrospectivamente, da mesma perspectiva (e não apenas a título individual), a transição paradigmática entre as múltiplas missões geográficas e hidrográficas (de cariz estritamente físico e/ou cartográfico) da Comissão de Cartografia e da Junta das Missões Geográficas e das Investigações Coloniais, por um lado, e os estudos posteriores centrados nas dimensões humana e social do fenómeno geográfico, por outro; ou até mesmo o desenvolvimento preliminar, no início do século XX, da geografia científica pela mão de Silva Telles, com ação simultânea em ambos os domínios (metropolitano e colonial), pode também ajudar a aproximar as histórias destes dois veios.

- 17 Em contrapartida, fica, enfim, por estudar, a importância da geografia no desenvolvimento da investigação colonial em Portugal, atendendo desde logo à saliência relativa desse saber nos organismos oficiais conexos, ao protagonismo manifesto de Orlando Ribeiro nesse domínio (a nível epistémico e institucional, nacional e internacional), ao ascendente intelectual sobre o principal animador do CEGP, Avelino Teixeira da Mota (ascendente reconhecido pelo próprio), e às relações próximas que mantém com Jorge Dias, cuja pesquisas só derivarão para os trópicos em meados da década de 1950.<sup>14</sup> Percorrendo este caminho, é ainda possível admitir que a geografia, como um todo, e Orlando Ribeiro, em particular, possam ser incorporados com sucesso numa história integrada das ciências sociais, que valorize devidamente, face à afirmação posterior (e relativamente tardia) da antropologia e da sociologia portuguesas, e à persistência dos seus anacronismos naturalistas, o pioneirismo da geografia (colonial e metropolitana) e do seu principal protagonista na viragem social das ciências humanas em Portugal.
- 

## BIBLIOGRAFIA

Abrantes, Carla Susana Além (2022). *Os futuros portugueses: um estudo antropológico sobre a formação de especialistas coloniais para Angola (1950-1960)*. Rio de Janeiro: Mórula.

Ágoas, Frederico (2012). “Estado, universidade e ciências sociais: a introdução da sociologia na Escola Superior Colonial (1952-1972)”. In: Jerónimo, Miguel Bandeira (org.). *O Império Colonial em Questão (sécs. XIX-XX): Poderes, saberes e instituições*. Lisboa: Edições 70, pp. 315-347.

Ágoas, Frederico (2020). “Social sciences, modernization, and late colonialism: The Centro de Estudos da Guiné Portuguesa”. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 56, n. 4, pp. 278-294.

Ágoas, Frederico (2021). “Continuity through change: State social research and sociology in Portugal”. *History of the Human Sciences*, v. 34, n. 3-4, pp. 243-265.

Ágoas, Frederico; Castelo, Ágoas (2019). “Ciências sociais, diplomacia e colonialismo tardio: a participação portuguesa na Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Saara (CCTA)”. *Estudos Históricos*, v. 32, n. 67, pp. 409-428.

Amaral, Ilídio do (1992). “Contribuição dos geógrafos portugueses para o conhecimento científico das regiões tropicais”. In: *História e desenvolvimento da ciência em Portugal no século XX*, vol. 3. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, pp. 1609-1628.

Araújo, Manuel (1992). “A investigação geográfica em Moçambique entre 1900 e 1975”. In: *História e desenvolvimento da ciência em Portugal no século XX*, vol. 3. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, pp. 1629-1652.

Branco, Rui (2003). *O Mapa de Portugal. Estado, Território e Poder no Portugal de Oitocentos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Brito, Raquel Soeiro de (1992). “Trinta anos de estudos de geografia nos territórios do ex-Ultramar português (1944-1974)”. *Inforgeo*, n. 4, pp. 71-94.



Carreira, António (1947a). *Mandingas da Guiné portuguesa*. Bissau, Guiné-Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.

Carreira, António (1947b). *Vida social dos manjacos*. Bissau, Guiné-Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.

Castelo, Cláudia (2022). “Desenvolvimento, cooperação e ciência na era da descolonização”. In: Sarmiento, João (org.). *Orlando Ribeiro – Cadernos de Campo, Angola 1960-1969*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, pp. 11-20.

Castelo, Cláudia; Ágoas, Frederico (2021). “Inter-African cooperation in the social sciences in the era of decolonization: A case of science diplomacy”. *Centaurus*, n. 63, v. 1, pp. 67-83.

Cavaco, Carminda (1992). “Ensino e investigação da geografia em Lisboa”. *Inforgeo*, n. 4, pp. 95-98.

Daveau, Suzanne (1992). “As geografias de Portugal”. *Inforgeo*, n. 4, pp. 9-16.

Daveau, Suzanne (2014). “Les débuts de l’enseignement et de la recherche em Géographie em Afrique occidentale”. In: García Álvarez, Jacobo; Garcia, João Carlos (orgs.). *História da Geografia e Colonialismo*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, pp. 103-109.

Gaspar, Joaquim Alves (2021). “Navegação e cartografia náutica nos séculos XV e XVI”. In: Sánchez, Antonio; Costa, Palmira Fontes da; Leitão, Henrique (orgs.). *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*. Volume 1: Novos Horizontes – sécs. XV-XVII. Lisboa: Tinta da China, pp. 101-126.

Havik, Philip J.; Daveau, Suzanne (2010). “Orlando Ribeiro: A missão de geografia à Guiné em 1947”. In: Havik, Philip J.; Daveau, Suzanne (orgs.). *Orlando Ribeiro – Cadernos de Campo, Guiné 1947*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, pp. 11-28.

IICT (Instituto de Investigação Científica e Tropical) (1983). *Da Comissão de Cartographia (1883) ao Instituto de Investigação Científica e Tropical. 100 Anos de História*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical.

Justino, David (2012). “Geografia e estatística do Portugal moderno – As novas descrições geográficas de Portugal, 1815-1875”. In Garrido, Álvaro; Costa, Leonor Freire; Duarte, Luís Miguel (orgs.). *Economia, instituições e Império – Estudos em homenagem a Joaquim Romero Magalhães*. Coimbra: Almedina, pp. 67-100.

Leal, João (1999). “Jorge Dias. Os macondes de Moçambique. vol. I: aspectos históricos e económicos (introdução de Rui Pereira)”, *Etnográfica* [Online], vol. 3, n. 1, pp. 213-215.

Leal, João (2000). *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Leal, João (2006). *Antropologia em Portugal. Mestres, Percursos, Tradições*. Lisboa: Livros Horizonte.

Magalhães, Joaquim Romero (1980). “Descrições geográficas de Portugal: 1500-1650”. *Revista de História Económica e Social*, 5, pp. 15-56.

Medeiros, Carlos Alberto (1992). “Evolução e tendências da geografia humana portuguesa no século XX”. In: *História e desenvolvimento da ciência em Portugal no século XX*, vol. 3. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, pp. 1587-1607.

Mota, Avelino Teixeira da (1947). *Inquérito etnográfico organizado pelo governo da colónia no ano de 1946*. Bissau: Publicação Comemorativa do V Centenário do Governo da Guiné.

- Mota, Avelino Teixeira da (1948). "Classificação e evolução da casa e do povoamento indígena". In: Mota, Avelino Teixeira da; Neves, Mário G. Ventim (orgs.). *Habitação Indígena da Guiné Portuguesa*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, pp. 9-136.
- Mota, Avelino Teixeira da; Neves, Mário G. Ventim (orgs.) (1948). *Habitação Indígena da Guiné Portuguesa*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.
- Pélissier, Paul (1952). "La IV<sup>e</sup> conférence internationale des Africanistes de l'Ouest". *Les Cahiers d'Outre-Mer*, v. 5, n. 18, pp. 182-183.
- Pereira, Rui Mateus (1998). "Introdução à reedição de 1998". In: Dias, Jorge. *Os Macondes de Moçambique*, vol. I. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Instituto de Investigação Científica e Tropical, pp. V-LII.
- Pereira, Rui Mateus (2021). *Conhecer para dominar. O desenvolvimento do conhecimento antropológico na política colonial portuguesa em Moçambique, 1926-1959*. Lisboa: Edições Parsifal.
- Rebello, Francisco (1992). "A geografia física em Portugal no século XX". In: *História e desenvolvimento da ciência em Portugal no século XX*, vol. 3. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, pp. 1553-1585.
- Ribeiro, Orlando (1950a). "Missão de Geografia À Guiné em 1947". *Anais da Junta de Investigações Coloniais*, v. V, t. III, pp. 3-23
- Ribeiro, Orlando (1950b). "Acerca do Mapa Topográfico da Guiné". *Anais da Junta de Investigações Coloniais*, v. V, t. III, pp. 25-34.
- Ribeiro, Orlando (1951). "Agriculture in West Africa". *Indian Geographical Journal*, Silver Jubilee Souvenir Issue, pp. 65-72.
- Ribeiro, Orlando (1952). "Sur quelques traits géographiques de la Guiné Portugaise". In: *Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais: 2.ª Conferência, Bissau, 1947: Trabalhos apresentados à 3.ª Secção (Meio Humano), 1.ª Parte*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, pp. 9-25.
- Ribeiro, Orlando (1957). "The Portuguese province of Guinea. Land of estuaries and rivers". In: Church, Harrison (org.). *West Africa. A Study of the Environment and of Man's Use of it*. Londres: Longmans, Green and Co.
- Ribeiro, Orlando; Daveau, Suzanne (1986). "Conhecimento actual da história da geografia em Portugal". In: *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, vol. 2. Lisboa: Academia das Ciências, pp. 1041-1060.
- Roque, Ricardo (2001). *Antropologia e Império. Fonseca Cardoso e a Expedição à Índia em 1895*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Santos, Gonçalo Duro dos (2005). *A Escola de Antropologia de Coimbra, 1885-1950: o que significa seguir uma regra científica?* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Sarmiento, João (2018). "Portuguese tropical geography and decolonization in Africa: the case of Mozambique". *Journal of Historical Geography*, n. 66, pp. 20-30.
- Sarmiento, João (2022). "Parte I. Orlando Ribeiro e Angola". In: Sarmiento, João (org.). *Orlando Ribeiro – Cadernos de Campo, Angola 1960-1969*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, pp. 21-51.
- Silva, Rosa Fernanda Moreira da (1992). "Curso de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto 1972/88". *Inforgo*, n. 4, pp. 99-105.
- Tenreiro, Francisco (1950). *Acerca da casa e do povoamento da Guiné*. Lisboa: Junta de Investigações Coloniais.

Tirapicos, Luís (2021). “Astronomia, cartografia e demarcação de fronteiras”. In Simões, Ana; Lourenço, Marta C.; Silva, José Alberto (orgs.). *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*. Volume 2: Razão e Progresso – séc. XVIII. Lisboa: Tinta da China, pp. 29-50.

## NOTAS

1. Sobre o tema, ver, também, Magalhães (1980), Justino (2012). Ver ainda Branco (2003).
2. Ver, também, Leal (2006) e Pereira (1998). Entre os trabalhos que efetivamente integram as ditas referências, ver Leal (1999).
3. Ver, também, Santos (2005).
4. Designadamente a competição entre os membros do Gabinete de Investigações Sociais (GIS), fundado por Sedas Nunes em 1962, e professores do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina pelo ascendente simbólico e institucional no âmbito do processo de afirmação da sociologia, a partir de meados da década de 1960.
5. No mesmo volume, os restantes trabalhos reportam-se à geografia de Portugal, propriamente dita, e ao curso de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, entre 1972 e 1988 (Silva, 1992).
6. Entre os estudos comentados começam por destacar-se os documentos produzidos por autoridades administrativas e, depois disso, os trabalhos de José de Oliveira Boléo (funcionário colonial), de Raquel Soeiro de Brito (assistente de Orlando Ribeiro e professora da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa), de António Rita-Ferreira (funcionário colonial) e de Maria Eugénia Moreira Lopes (licenciada em Geografia pela Universidade de Coimbra e professora de Geografia na Universidade de Lourenço Marques – Universidade Eduardo Mondlane, depois da independência de Moçambique).
7. A Missão de Geografia Física e Humana da Guiné começaria por ser criada junto da Missão de Geologia da Guiné, em 1947, para ser depois autonomizada, em 1948 (cf. Portaria n.º 12 474, de 3 de Julho de 1948, *Diário do Governo*, I Série, n.º 153/1948).
8. Sobre a Guiné, Orlando Ribeiro publicaria ainda, alguns anos mais tarde, um breve texto no livro de Harrison Church, *West Africa*, intitulado “The Portuguese province of Guinea. Land of estuaries and rivers” (Ribeiro, 1957). No mesmo âmbito, as seguintes comunicações permaneceriam inéditas: “Sur les latérites de la Guinée Portugaise” e “Remarques sur les instruments de labour et les greniers à céréales chez les indigènes de la Guinée Portugaise” (Havik e Daveau, 2011: 22).
9. O inquérito seria aplicado no terreno por funcionários coloniais responsáveis pela administração civil. Apesar de não ter sido lançado no âmbito do CEGP, o inquérito passaria a ser tratado como parte do movimento cultural que conduziria à sua criação e implicitamente visto como sua missão, considerando as responsabilidades que Avelino Teixeira da Mota acumulava como seu delegado e coordenador do inquérito (Ágoas, 2020: 285)
10. Ver, em específico, Carreira (1947a; 1947b), entre vários outros trabalhos do mesmo autor.
11. Para além de 14 estudos acerca da habitação indígena das diferentes etnias da Guiné, o volume contaria ainda com três estudos sinópticos acerca dos aspetos etnológicos, arquitetónicos e sanitários do problema em apreço, o primeiro deles assinado por Avelino Teixeira da Mota. No terreno, o inquérito seria igualmente conduzido por funcionários coloniais.
12. Ver, também, Abrantes (2022), que associa a mudança epistémica referida, designadamente na Escola Superior Colonial, a mudanças em curso na administração colonial.
13. Neste âmbito, começaria por destacar-se outro discípulo de Orlando Ribeiro, o geógrafo Ilídio do Amaral. Nascido em Luanda, soma-se assim a Francisco Tenreiro e a António Carreira entre os investigadores africanos que se destacam neste primeiro surto das ciências sociais portuguesas.

Numa área conexas, vale a pena referir, também, Amílcar Cabral, nascido na Guiné, membro do CEGP e com estudos de agronomia publicados no *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*.

14. O facto ficaria associado à sua contratação como professor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, em meados da década de 1950.

---

## RESUMOS

A presente nota de pesquisa sugere que se atente ao enquadramento epistémico e institucional da ocorrência da geografia humana nas antigas colónias portuguesas, em particular da Missão de Geografia da Guiné, dirigida por Orlando Ribeiro e considerada o momento inaugural desta linhagem, como ponto de partida para procurar agregar os relatos cindidos acerca da afirmação desse saber, por um lado, e sobre o seu contexto de emergência, por outro; para integrar as narrativas paralelas que se ocupam da geografia metropolitana e da geografia colonial; e para fazer convergir a história da geografia em geral com a história da investigação colonial, como um todo, e a história das ciências sociais em Portugal.

This research note suggests a focus on the epistemic and institutional framework of the occurrence of human geography in the former Portuguese colonies, in particular of the Geographical Mission of Guinea, directed by Orlando Ribeiro and considered the inaugural moment of this lineage, as a starting point to try to aggregate the split accounts about the affirmation of this knowledge, on the one hand, and about its emergence context, on the other; to integrate the parallel narratives dealing with metropolitan geography and colonial geography; and to converge the history of geography in general with the history of colonial research, as a whole, and the history of social sciences in Portugal.

Cette note de recherche propose de mettre l'accent sur le cadre épistémique et institutionnel de l'apparition de la géographie humaine dans les anciennes colonies portugaises, en particulier de la Mission Géographique de la Guinée, dirigée par Orlando Ribeiro et considérée comme le moment inaugural de cette lignée, comme point de départ pour essayer d'agrèger les récits divisés sur l'affirmation de cette connaissance, d'une part, et sur son contexte d'émergence, d'autre part ; intégrer les récits parallèles traitant de la géographie métropolitaine et coloniale; et faire converger l'histoire de la géographie en général avec l'histoire de la recherche coloniale, dans son ensemble, et l'histoire des sciences sociales au Portugal.

Esta nota de investigación propone un enfoque en el marco epistémico e institucional de la aparición de la geografía humana en las antiguas colonias portuguesas, en particular de la Misión Geográfica de Guinea, dirigida por Orlando Ribeiro y considerada el momento inaugural de este linaje, como punto de partida para intentar agregar los relatos divididos sobre la afirmación de este conocimiento, por un lado, y sobre su contexto de surgimiento, por otro; integrar las narrativas paralelas que tratan de la geografía metropolitana y colonial; y hacer converger la historia de la geografía en general con la historia de la investigación colonial, en su conjunto, y la historia de las ciencias sociales en Portugal.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** história das ciências sociais, geografia humana, geografia colonial, Portugal, Guiné-Bissau

**Palabras claves:** historia de las ciencias sociales, geografía humana, geografía colonial, Portugal, Guinea-Bissau

**Índice cronológico:** 1940-1950

**Índice geográfico:** Guiné-Bissau

**Keywords:** history of social sciences, human geography, colonial geography, Portugal, Guinea Bissau

**Mots-clés:** histoire des sciences sociales, Géographie humaine, Géographie colonial, Portugal, Guinée Bissau

## AUTOR

### FREDERICO ÁGOAS

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Email: fagoas@fcsh.unl.pt, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7045-7688>